

OS SUCESSOS UCRANIANOS EM UMA PERSPECTIVA FRIA

Por Seth Harp*



Soldados do exército ucraniano em Kharkov, Ucrânia, em janeiro de 2022 (Seneline/Shutterstock).

Embora a imprensa chame os recentes ganhos territoriais ucranianos de “ponto de virada”, é bom estar ciente de que a guerra na Ucrânia pode estar se encaminhando para algo mais “congelado” e menos satisfatório.

A ofensiva da semana passada para libertar a zona rural a leste de Kharkov foi uma vitória impressionante para os militares e o governo ucraniano, bem como seus patrocinadores e gerentes no Pentágono, Departamento de Estado, CIA e outras agências de inteligência dos EUA.

A tomada da estação ferroviária de Izyum pela Ucrânia foi especialmente importante, já que as forças russas dependem fortemente de trens para transporte de suprimentos. Desde a bem-sucedida defesa de Kiev, o governo Zelensky não conseguiu uma vitória tão importante no campo de batalha. Mas relatos triunfalistas na mídia dos EUA retratando a contraofensiva como uma grande mudança na direção da guerra exageram o significado desses desenvolvimentos.

A Rússia já havia perdido a guerra no norte. Após o colapso de seu ataque a Kiev em março, os soldados russos abandonaram os oblasts de Chernihiv e Sumy e nunca chegaram perto do controle total sobre Kharkov, a segunda maior cidade da Ucrânia. A ocupação continuada da zona rural ao norte e leste de Kharkov era um vestígio remanescente daquela primeira fase fracassada da invasão, o que poderia explicar por que foi tão pouco defendida e por que as forças russas, pegas de surpresa, foram tão rápidas em recuar.

Reportagens da imprensa ocidental retrataram a “[ofensiva relâmpago](#)” da Ucrânia, como é invariavelmente chamada, como um grande ponto de virada na guerra.

Quase todos eles usam a palavra “[humilhante](#)” para descrever a perda da área pela Rússia. As defesas russas “[colapsaram](#)” e eles “[fugiram em pânico](#)”, nos dizem. Isso foi amplamente atribuído à suposta “[exaustão](#)” e “[baixa moral](#)” das tropas russas. Como resultado, as linhas de batalha foram “[redesenhadas](#)” e os contornos da guerra “[reformulados](#)”. Putin é considerado “[lívido](#)” e “[isolado](#)”. Na linguagem maximalista do Conselho do Atlântico, a “vitória ucraniana destruiu a reputação da Rússia como uma superpotência militar”.

Há uma boa quantidade de ilusão em toda essa retórica. Desde abril, ficou claro que Putin, depois de não conseguir tomar Kiev e Kharkov, mudou para um plano B reduzido de garantir uma ponte terrestre para a Crimeia, no sul. Não apenas isso pode ser percebido de uma olhada em um [mapa](#) de movimentos de tropas, mas o ministro das Relações Exteriores da Rússia, Sergey Lavrov, [disse isso explicitamente](#) em julho.

No futuro, o sucesso ou fracasso dessa jogada estratégica é como o regime em Moscou definirá vitória ou derrota. E a retomada da zona rural de Kharkov pela Ucrânia terá pouco efeito significativo na capacidade da Rússia de manter cidades portuárias críticas ao sul como Kherson, Melitopol, Mariupol e Berdyansk. Neste ponto, Kharkov não é um objetivo tão importante quanto Mykolayiv ou Odessa. Os russos podem facilmente passar sem a ferrovia de Izyum.

O exército ucraniano e a milícia de reserva mostraram extraordinária bravura e resistência em sua defesa de Kiev – coragem inspiradora, na verdade – e golpearam bem acima de seu peso novamente na campanha da semana passada para empurrar os russos para o leste do rio Oskil. Mas para vencer a guerra de uma vez – o que seria uma vitória milagrosa para o azarão – eles precisariam atravessar o Mar de Azov ou retomar um importante centro como as cidades de Donetsk ou Luhansk.

Nas condições atuais, é improvável que isso aconteça. Uma ofensiva ucraniana contra a Kherson ocupada, lançada em conjunto com a *blitz* a leste de Kharkov, não produziu ganhos apreciáveis. As linhas de batalha em torno de Mykolayiv e Zaporizhzhia mudaram muito pouco desde março. Mesmo que as forças ucranianas no nordeste conservem seu ímpeto e continuem a pressionar a contraofensiva a leste do Oskil, elas podem retomar todo o oblast de Luhansk ao norte do rio Donets e ainda assim não colocar em perigo o controle russo da costa e da Crimeia.

A guerra é imprevisível, e é sempre possível que uma concatenação inesperada de perdas russas realmente possa precipitar um colapso total da força expedicionária de Moscou e uma retirada completa do Donbass. Há uma pergunta assustadora não respondida de como o regime de Putin responderia nessa eventualidade, porque eles mantiveram certas munições altamente destrutivas em reserva, mas provavelmente é prematura, a menos e até que a Ucrânia acumule ganhos territoriais adicionais.

O clima de inverno que se aproxima, que pode ser brutalmente frio e gelado na Ucrânia, provavelmente desacelerará os movimentos de tropas e talvez os faça quase parar (como aconteceria no Afeganistão todo inverno). Em um sentido mais metafórico, o conflito pode já estar congelado. Desde cerca de maio, essa tem sido

cada vez mais a realidade fria e dura, por mais que os propagandistas de ambos os lados detestem admitir.

Um “conflito congelado” é o termo para uma guerra cujas linhas de batalha endureceram e congelaram, mas sem nenhuma trégua ou tratado para ceder formalmente o território conquistado ao agressor, resultando em uma espécie de zona cinza no mapa – pontos mortos na ordem internacional. Exemplos incluem territórios ex-soviéticos como Transnístria, Abkhazia e Ossétia do Sul, que legalmente pertencem à Moldávia no caso da Transnístria e Geórgia no caso dos outros dois, mas que foram ocupados pela Rússia durante anos.

Os estados fantoches da Rússia no Donbass são apenas a adição mais recente a essa ideia de vassalagem quase soberana em países que costumavam pertencer à URSS. Em parte, porque as pessoas de lá são cultural, étnica e linguisticamente inclinadas para a Rússia. É por isso que Putin os atacou em primeiro lugar.

“Conflito congelado” também pode descrever estados fraturados e balcanizados como Iraque, Síria, Líbia, Somália, Iêmen, Mali e outros locais de intervenção dos EUA e da OTAN. Nesses países, as agências militares e de inteligência dos EUA, muitas vezes agindo por meio de *proxies*, derrubaram com sucesso ou desestabilizaram mal o governo existente, mas não conseguiram instalar completamente um regime substituto que fosse subserviente a Washington e capaz de governar com eficácia.

Senhores da guerra, gângsteres, jihadistas, mercenários, traficantes de escravos, traficantes de armas, traficantes de drogas, paramilitares e espões fluíram para o vácuo de poder. Na Síria, que é parcialmente ocupada por forças dos EUA até hoje, a Rússia também interveio, resultando em uma divisão com dois terços do país governados por uma coalizão apoiada pela Rússia e o restante controlado por forças americanas e soldados de operações especiais.

Esse tem sido o *status quo* na Síria por quase uma década; e nesta conjuntura, apesar da contraofensiva de Kharkov, parece ser o futuro mais provável para a Ucrânia também: uma guerra que nunca termina, em um país azarado preso entre duas superpotências do passado, nenhuma das quais tem a capacidade de ganhar sem rodeios, nem a humanidade para negociar um compromisso, com o resultado de que muitos milhares morrem em vão.

Publicado no [Responsible Statecraft](#).

**Seth Harp é jornalista investigativo e correspondente estrangeiro. Fez reportagens na Ucrânia para a Harper's Magazine durante os primeiros dois meses da invasão russa. É editor colaborador da Rolling Stone e escreveu sobre militares, conflitos armados e crime organizado para uma variedade de outras publicações, incluindo The New Yorker, The New York Times, The Daily Beast, Texas Observer e Columbia Journalism Review. Harp é veterano de combate da guerra do Iraque e, antes de se tornar jornalista, era advogado e procurador-geral assistente do estado do Texas. Ele vive em Austin, Texas, onde nasceu e foi criado.*
